

## NÓS, MARGINAIS

Ana Maria de Almeida

marginal: a margem dessa escrita  
o fio negro, a urdidura fria  
a feia trama, a mancha dessa vida

— Ouve, vizinha. Dizem que da casa ao lado partem ruídos estranhos. Ranger de móveis, vozes afogadas, surdos estertores. Gemidos de amor? Não me faça rir. Esses são outros rumores. As paredes ressoam, os vidros tilintam — é o que dizem. Também não se trata de encontros furtivos — isso eu sei. Somente quem não viu a pobre coitada havia de supor tal aberração. Mulher meio gorda, meio velha, meio gasta, há quem goste? Só se fosse para encosto, mas isso... E ela diz que ajeita a casa até altas horas porque não há empregada que agüente tanto serviço, a casa tão grande! ... Pela manhã dorme. Sabe-se lá? Eu é que sei ... Para esperar e manter a casa arrumada para aquele que nunca há de vir. Quem é não sei, mas dizem ... O noivo que foi embora. E todas as noites os ruídos tecem um novo bordado para aquele que foi embora, e ela sonha acordada, porque, se dormir, os fios do sonho podem acabar. E ela toca, vizinha, na vitrola antiga, aquela música interminável que fala de rosas e de fusos. Perdeu a mãe, o pai e o noivo. E depois os amigos, um a um. A vitrola é velha, os discos são antigos, repetem a mesma música. Dá preguiça de ouvir, repete tanto, a mesma música trstinha. Coitadinha ... E sonha acordada. Tem um retrato de corpo inteiro do noivo e toda a noite arruma os

móveis num desenho diferente. Dizem que os dias felizes se tecem com lã branca e fios dourados. Apenas ditado popular, maneira de dizer. Por certo na casa ao lado, a lã preta é que tece, e tece apenas os dias atrozés. Para que se importar? Mas eu mesma sei, mesmo sem ela dizer, o que faz mudando todos os móveis de lugar. Essas coisas de mulher educada em colégio de freiras, etiquetas sem utilidade... Uma mesa sob a luz ... jantar feliz. Dois quadros de paisagem, pastores de porcelana ... paz na natureza. Cortinas brancas na janela, colcha macia de algodão e seda ... aquele descanso e prazer. Mulher doida. E passa os dias claros sem dormir. Quem sabe pela manhã ela dorme...

O deus dos marginais é uma estátua de bronze, de olhos fechados diante da janela aberta para a escuridão da noite sem lua e sem estrelas. O deus dos marginais tem como emissário um anjo trôpego, de dedos encavalados, que coleciona sonhos e sexos decepados. O emissário do deus dos marginais vira e volta as folhas de um livro sujo, e murmura, quase num ranger de dentes, o código dos silenciosos, daqueles que só sabem a surdina dos sufocados. Ó deus dos marginais! Estende sobre nós teu manto costurado com o fio da parca mais feia, aquela que não pode ser abrandada.

(Para onde fostes, ó sonhos de mulheres abandonadas como navios naufragados, as velas dos braços esgarçadas no impossível porto de chegada? Para onde fostes, ó lágrimas de sangue estancadas como lavras frias, as veias cálidas do amor cortadas no leito estreito da desesperança?)

— Vamos falar de ti, desse tecido de recusa ou ruptura que teces como trama traiçoeira entre nós. Escuta-me. Não posso aceitar teu silêncio que teima em atribuir-me uma falta que desconheço. Já expliquei que, nos últimos tempos, não tenho tido mais tempo de me ocupar de ti. São tantos os problemas, tamanhas as outras solicitações que tens de compreender que devo interessar-me por outras coisas, procurar outras pessoas com as quais tenho laços de amizade que ultrapassam a mera afeição das pessoas que se respeitam e se estimam. Podes

compreender? Preciso viver, vê se me entendes de vez. Falei de mim? Agora de ti: gosto de teu jeito etéreo de estar no mundo, de tua companhia silenciosa, de tua presença imperturbável, que nada pede e nada exige. Mas há no tecido de teu silêncio uma opacidade inesperada, que me inquieta. Falemos de ti; escuta-me, por favor: vez ou outra, se me afasto de ti é para sentir-me mais perto de ti. Creio te haver dito já uma vez que as formas de amor ou de relação que não se tecem na cumplicidade, estão condenadas a fracassar, tão verdade é que esta integração exige a compreensão antes da inteligência, antes mesmo da interpretação. Uma vez cometido o irremediável, temos de o gerir. Afastei-me de ti apenas fisicamente. Mentalmente, não me desvencilhei desses fios, dessa trama que me prende a ti. É isso que entendo por diálogo, por aquilo que permite a tessitura do convívio: cumplicidade, antes da compreensão. Não consigo aceitar esse silêncio de ruptura e abandono, essa maneira de agir como quem desiste de tudo, pois penso que há sempre pensos a pôr na perna de pau. Contrariamente do que dizem as frases feitas que pensam que tais operações são inúteis, vamos remediar o irremediável, remendar o remendado. Falei de ti? Agora de mim: não consigo aceitar a trama de teu silêncio...

Ave, Nona, deusa da última hora do desalento e das formas constrangidas. Paira sobre nós tuas asas azuis de enxofre. Ave, Fata, maligna e traiçoeira. Teu nome cobre de cinzas os corpos insepultos dos dilacerados, dos extirpados e dos excluídos. Ave, perversa. Abafa com tuas garras de ferro o pulsar vivo da lembrança, as tímidas palpitações da vida. Corta com teus dentes esse estéril urdume, tu que urdes a miséria e a solidão. Ave, Macéria, parede de pedra sem musgo ou cal. Extingue o perfume dos jasmims e dos mais tímidos suspiros. Que a dor apodreça ao relento. Ave, Maquinata, sombra do desespero, escuridão da mais densa agonia. Nós, marginais, te louvamos do fundo do nosso ermo.

marginal: a margem desse corpo  
o gesto cortado, o grito surdo  
os olhos cegos, o podre desse aborto

— Por que você chorou, ó pretinha? Credo! A cabeça cheia de crostas, esses olhos remelentos, sarna em todo o corpo. Na sua cabeça há como que teias de aranha, ninguém lava você? É preciso ter higiene, um pouco de disciplina para cortar o fio desse círculo vicioso em que vocês vivem: pedir para comer, comer para pedir. E não abaixe esses olhos, está fugindo de quê? Não entendo o que diz. Vocês falam em meandros, vê se não perde o fio da meada nesse aranzel de lamúrias. Alguém lhe bateu? Ah, essas crianças largadas como sacos de lixo ... Sacos de merda, isso sim ... Quem pode entender as tramas do destino que tece essas vidas imundas, sem rumo ... Você precisa aprender a se defender, senão acaba num beco sem saída. Um nó cego de vida que só pode acabar num pau só. E pau só, só na pobreza, sabe, pretinha? Acabar com a pobreza para que mendigos fedidos nessa porra-louquice de vida não tramem mais contra nossa sensibilidade. Cem cruzeiros, para que você não chore mais. E não me olhe com esse olhar de quem não está entendendo nada, afinal dinheiro é só o que você precisa. Isto é que é pior: faz-se de tudo, estende-se a mão, e ninguém entende. Se alguém bater de novo em você, dê o troco, não leve desaforo para casa. Chorar não resolve nada, pare com isso. A gente precisa aprender a tecer com pequenas alegrias o tecido de cada dia da vida. O fio da paciência, é o que digo. Você me entende? Senão acaba trapaceando como todo mundo. Mas é por isso tudo que não gosto de dar esmolas, principalmente a crianças. Sabe-se lá o que vão fazer! Mas vê se não me aparece mais nessa sujeira, ó pretinha. Um pouco de sabão não adoce ninguém.

O deus dos marginais é uma estátua de sal, de corpo curvado para a fúria das tempestades que destroem os frutos mais tenros e os mais fracos animais. O deus dos marginais tem como emissário um anjo esfarrapado de mãos dilaceradas, que coleciona ruínas e corpos torturados. O emissário do deus dos marginais pega e conta as moedas de um saco sujo e registra, quase com sofreguidão, o mau preço dos desdotados, daqueles que perderam o dom de reinar. Ó deus dos marginais!

Estende sobre nós teu manto tecido com o fio da parca mais obscena, aquela que faz os homens andarem à roda da desgraça.

(Para onde fostes, ó despojos dos cadáveres anônimos como mensagens sem endereços, a tinta dos traços diluída na inútil inscrição? Para onde foste, ó dor de almas e de corpos abafados, os sinais de apelo engasgados nas gargantas da indignação?)

— É algo lastimável. Ainda ontem vi aquelas crianças esmolambadas, perto do semáforo. Um bando de crianças brancas, bonitas. Não parecem pobres. Quer dizer, se tomassem banho e se se vestissem direito, poderiam parecer gente bem nascida. Mesmo os mais feios tecidos caem bem em corpos bem feitos. Sacou? Gostei dessa, feios tecidos que revelam mais do que escondem a perfeição das curvas da estátua. Cara! Estou até ficando lírico. E há quem fale da raça subnutrida, em franca desnutrição e decadência. Li nos jornais, você não leu? Um futuro povo de anões e raquíticos. Sensacionalismo, ó cara. A menina, por exemplo, do bando que falei: alta, esguia, aloirada. Um tipo quase europeu, pode passar por coisa fina. Esse cruzamento de raças dá sempre surpresa. Sorte nossa termos sido colonizados por portugueses; eles sempre tiveram um fraco pelas meninas bonitas. Sem falar nos traseiros, é claro. Aquela menina há de ser uma moça bonita; pode até ter futuro. Fingia-se de aleijada, amparando-se numa muleta improvisada com um galho de árvore. Uma graça! Logo que o sinal se abria, saía pulando como uma cabritinha. Cabrita sonsa, a sacudir as moedas na caixa de papelão. Vê-se que será um mulherão. Aquelas pernas esguias vão enroscar-se em muita gente, você vai ver. Dessas tramas que a vida tece, trapalhadas do destino. E uns peitinhos saltitantes de cadela lustrosa pronta para parir. Homem, não resisti: dei-lhe as moedas que tinha.

Ave, Prónuba, deusa da primeira fome e do primeiro medo.  
Ave, Consputa, deusa de todos os escarros, bandalhos e pocilgas.  
Ave, pútrida, miasmas dos mangues, sorvedouro dos descaminhos.  
A guerra e o amor fogem de ti, mas nós te saudamos e te

esperamos no portal das preces derradeiras. Revolve com teus dedos as feridas do corpo e as chagas da alma. Acorda o desespero adormecido, sereia dos castrados, ave fênix das cinzas frias. Ó torpe, ó torturada antevisão das vidas desertas. Nove vezes nove a amargura te serviu de ama e nutriz. Ó alegria condenada de raio de sol nos quartos de enfermos e miseráveis. Ó sorriso enviesado, ó saudação dúbia, ó gesto de tortura e sedução. Ave, Madulsa, bêbada, meandro de miséria, maia dos desesperados. Ave, maldita beleza composta de espinhos e excrementos. Nós, marginais, te louvamos as manhas e a dissimulação.

marginal: a margem desse degredo  
a desdita, a face degradada  
a força e a impostura, o visgo desse medo

— Eu vos digo e afirmo, cidadãos, que a vigilância é a mais lúdima defesa contra a trama que urdem contra nós os contumazes inimigos da ordem. Querem nos atirar a pecha e o labéu ignominioso de irresponsáveis e atrabiliários. Por isso, vimos a público defender a nossa honra de sólidos defensores da disciplina contra a anarquia; nós, guardiães da paz tecida no dia a dia de trabalho incansável e abnegado. Avaliai bem o de que nos acusam, as fauces escancaradas a despejar vitupérios e calúnias soezes. O inimigo contumaz não conhece descanso na lida de suas tramas mesquinhas. Acusam-nos de reprimir velhos, homens, até mesmo crianças quando eram quinhentos, repito, quinhentos ou mais manifestantes contra cerca de vinte representantes da ordem pública, armados apenas de cassetete e de artefatos de efeito moral, cuja inocuidade bem conheceis. Não houve coação psicológica, nem agressão física, muito menos invasão de prédios oficiais ou de residências particulares. Apenas foram lançadas dez bombas de efeito exclusivamente moral, o que implicou unicamente irritação de olhos e mucosas das vias respiratórias, sem qualquer seqüela. Basta dizer que apenas os bravos agentes é que sofreram os piores efeitos, obrigados que

eram, pelo dever, a não arredarem pé dos locais contaminados pelos gases tóxicos. O que vale dizer é que apenas os manifestantes e os solertes tecedores da anarquia tiveram a oportunidade de escapar das emanações que impregnavam o ar, por força das condições atmosféricas. Reparai bem, compatriotas: os abnegados policiais souberam portar-se galhardamente, sem qualquer manifestação de rebeldia contra os efeitos de ardor e fumaça dos artefatos usados na defesa da ordem e da paz dos concidadãos. Lançaram-nos, sentiram seus efeitos nefastos, mas não fugiram, cômnicos de seus deveres e de seu necessário sacrifício. Portanto, senhores cidadãos, teçamos o brando tapiz da pacificação com esperança e fé na concórdia e no ânimo daqueles que não se deixam levar pela suspeição urdida no único propósito de enlaçar a todos no fio negro da desgraça mais torpe.

O deus dos marginais é uma estátua de ferro de mãos cerradas contra as quatro estações e os quatro cantos da terra. O deus dos marginais tem como emissário um anjo macilento, de membros flagelados, que coleciona cabeças e discórdias. O emissário do deus dos marginais traça, numa planície arenosa, as linhas de uma escala suja, e ordena, em quase tresvario, os horizontes vãos dos degradados, daqueles que se excluiram de todo pouso e repouso. Ó deus dos marginais! Estende sobre nós teu manto costurado com o fio da parca mais soturna, aquela que lança os homens nas trevas de desventura.

(Para onde fostes, ó sombras de homens revoltados como coros e tronos destronados, o ímpeto dos corpos amputado nos braços para sempre vazios? Para onde foste, ó força de abraços enlaçados, a veemência e a paixão explosivas na densa geografia dos libertados?)

Ave, Cinérea, deusa da inclemência e da vileza. Teu nome inscreve no pórtico dos pórticos o vil e o desprezível. Ave, Mácia, mãe amarga, maga medrada nos escuros desvãos dos ignonímias. Ave, merda. Ave, meada de cabelos embranquecidos pela dor dos abandonados. Ave, colar de ossos torturados. Ave, coroa feita de lágrimas e espinhos. Ave, manto tecido de peles esfoladas. Ave,

urna de desespero, desconsolação dos homens. Ave, torre de intolerância, raiz de todos os males. Ave, escarninha companheira dos desvalidos. Ave, puta. Estende sobre nós teu manto tecido pela compaixão e pela indiferença. Mil vezes te pariram, mil vezes te amaldiçoaram. Mas nós te louvamos, manchados pela covardia de receber impunemente as vilezas de outrem. Ave, marafona enfeitada e escarnecida. Os que vão vender a honra te saúdam. Ave, fome Ave, miséria infame. Nós, marginais, lavamos com nosso pranto as pústulas da mais baixa de tuas baixezas.

marginal: a margem desse delito  
a fala impura, o verbo cínico  
o riso e o pranto, o eco desse grito.